

CORPO... ESTE SOU EU.

BODY... THIS ME.

Maria Lúcia Corrêa
Moisés Alves de Oliveira

Resumo: Este trabalho teórico, por meio de um levantamento bibliográfico utilizando autores e autoras de uma linha pós-estruturalista traz a problematização sobre o corpo apresentado nos livros didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental. Argumentando que o corpo assim apresentado, muito pouco contribui para a vida prática dos alunos e das alunas no que tange a sua sexualidade e a seu corpo. Levantamos a necessidade de perceber o corpo humano como um todo dinâmico que interage com o ambiente e com outros corpos, que vive influenciado pelo meio social, cultural, político, econômico e afetivo, contribuindo para que cada indivíduo seja único. Sendo necessário, para isto entender o corpo além de seu biologismo, e percebê-lo em meio de suas marcas e identidades, uma construção histórica e cultural, que ganha sentidos sociais, entendendo que constantemente são alterados em relação a suas necessidades e desejos.

Palavras-chaves: Corpo, sexualidade, escola

Abstract: This theoretical work, by means of a bibliographic survey using authors and authors of a post-structuralist line brings the problematization of the body presented in textbooks in the early years of elementary school. Arguing that the body well presented, very little contributes to the practical life of pupils and students regarding his sexuality and his body. Raise the need to understand the human body as a dynamic whole that interacts with the environment and with other bodies, that lives influenced through social, cultural, political, economic and affective, contributing to that every individual is unique. Where necessary, to understand the body in addition to his biologismo, and perceive it in the midst of their brands and identities, a historic and cultural construction, who earns social understanding which senses constantly are altered from their needs and desires.

Keywords: Body, sexuality, school

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Enfim,

*Este é meu corpo,
Flor que amadureceu.
Estalos os dedos,
É sonho
Respiro fundo,
É brisa.
Estendo os braços,
É asa.
Libero as fibras,
É voo.
Olho seu rosto,
Mistério.
Ouço sua voz,
Estrangeira.
Cheiro seu suor,
Lembranças.
Sinto sua pele...
Sou eu!
Sou eu
Para a dor e o prazer,
Para o sabor e o saber,
Para a emoção de viver
Viagem tão companheira...
Sou eu sim,
Sou eu assim,
Sou eu enfim
Com meu corpo
Em mim!
Eu em mim
Carlos Queiroz Telles.
Sonhos, grilos e paixões.
São Paulo: Moderna,
1990.p.22-23.*

Gosto deste poema. Gosto do movimento a que ele incita colocando o corpo na ação da vida. Faz-me lembrar de um corpo que cresce: “flor que amadureceu”. De um corpo que se estranha: “rosto mistério”; “voz estrangeira”. Este corpo que é retratado no poema por Carlos Queiroz Telles, poeta e dramaturgo, tem lembranças, suor, emoção, prazer, dor, sabor. Mostra um corpo que se (re)conhece em seus estranhamentos, “descobre” a si mesmo, um corpo “apresentado” a si mesmo: “sou eu sim; sou eu assim; sou eu enfim; com meu corpo em mim.”

O que me levou a iniciar este trabalho com este poema é justamente o antagonismo entre o corpo apresentado por ele e o discursivamente tratado nas salas de aula e nos livros didáticos.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Para falar de um corpo que parece ter ficado fora da escola (LOURO, 2000) proponho-me a relatar dois breves acontecimentos que servirão de exemplos e ocorreram em épocas e contextos distintos.

O primeiro foi em uma sala de aula com aproximadamente quarenta alunos, quando um deles me perguntou qual a razão de ficar com um “friozinho” no estômago quando se lembrava das aulas de educação sexual. Esta pergunta ficou em minha mente durante muito tempo. A relação que este aluno queria desvendar entre o sistema digestório e o reprodutor me parecia engraçada e inocente, mas como não poderia deixá-lo sem uma resposta, utilizei boa parte de meus argumentos biológicos, neurais e hormonais para dar-lhe uma explicação. Com isto uma sensação triunfante de tarefa cumprida invadiu meu ego, que poderia estar sendo vivida até os dias atuais não fosse por conhecer depois de algum tempo as vertentes pós-estruturalistas a que tenho me submetido como parte de um grupo de estudiosos dos Estudos Culturais que pertence a Universidade Estadual de Londrina.

Autores como Michel Foucault, Jorge Larrosa, Donna Haraway, Stuart Hall, propiciaram meditações, deslocamentos e (re)leituras de conceitos e modos de ver o mundo que desalojaram o que aparentemente estavam acomodados e estabelecidos em minhas visões pedagógicas assim como em outros campos de minha vida. E outros como Nádia Geisa S. de Souza, Guacira Lopes Louro, Luís Sacchi dos Santos e Jeffrey Weeks, apresentaram corpo e sexualidade de maneiras distintas das que biologicamente via.

Já com certo desconforto em relação às antigas concepções, o outro fato que inquietou mais ainda o que já me incomodava, aconteceu quando uma colega comentou que alguém que conhecia acreditava que estando menstruada não poderia lavar os cabelos, pois havia o perigo de o sangue subir-lhe a cabeça.

É aí, que percebo a diferença entre o corpo relatado no poema e o corpo discursivo da escola. O primeiro, traz um movimento, a possibilidade de estranhamento, de trans(formação), da descoberta de um corpo integrado aos sentimentos, desejos, prazeres e desprazeres, enquanto os corpos dos fatos que contei são resultados de uma fragmentação didática, cada parte com suas funções, independentes, fixas, imóveis, imutáveis, dando a sensação que “assim é seu corpo e nada é fora disto”.

Estes fatos fizeram com que eu problematizasse a visão que os alunos e as alunas adquirem de corpo e conseqüentemente de sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental e ainda mais, como esta visão é levada vida a fora, que juntamente com outros mitos e tabus relacionados a este tema, formam sua identidade sexual. “Certamente não se colocam dúvidas de que a experiência da sexualidade envolve o corpo; mais que isto, que a sexualidade é exercida, fundamentalmente, através do corpo”. (LOURO, 2000, p. 97).

Considerando que “o *lócus* da construção das identidades é o corpo” (LOURO, 2000 p.104) aquela pergunta que na ocasião pareceu-me inocente e engraçada, hoje revela a fragilidade e o descaso com que o corpo tem sido discursado nas escolas, fato que para mim foi confirmado após ouvir o relato da colega. Pois, afinal como se identificar com um corpo separado em partes? E ainda que identidades podem ser construídas a partir deste corpo?

Segundo Souza (2001), Santos (1997) e Louro (2008), esse estranhamento/deslocamento veio ao encontro de anseios vividos pelos alunos e

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

alunas que parecem não identificar seus corpos às figuras planificadas e fragmentadas em sistemas, órgãos, tecidos, células apresentadas nos livros didáticos.

Em uma pesquisa realizada por Marques e Ribeiro (2006), onde investigaram como os corpos são representados nos livros didáticos de Ciência dos anos iniciais do ensino fundamental verificaram que estes, mostram um corpo “fatiado, com vísceras a mostra, sem rosto, sem sexo, sem mãos e nem pés como se esse fosse o modelo de corpo vivenciado pelos alunos e pelas alunas” (MARQUES e RIBEIRO, 2006). Estas autoras ainda afirmam que em relação às genitálias, estes livros mostram a constituição interna e externa dos meninos e somente as internas das meninas.

Isto se torna mais problemático se levarmos em conta que segundo essas autoras, esses livros didáticos têm sido utilizados como instrumentos balizadores (em algumas situações os únicos) das propostas pedagógicas, ensinando certo tipo de conhecimento ou informações para alunos e alunas, ou seja, determinando a legitimidade, a certeza, a beleza e a saúde estabelecendo um corpo universal, que tem um padrão que se repete independentemente de classe, raça, etnia, credo, língua, geração.

Considerando que os livros didáticos são produtos construídos nos processos sociais sendo possível entendê-los como artefatos culturais, visto que estão ativamente produzindo os corpos masculinos e femininos, (MARQUES e RIBEIRO, 2006), ao colocar suas ilustrações como principal meio de representação de corpos, a escola silencia as diferenças culturais próprias das identidades juvenis, raciais e de gênero excluindo outras abordagens por ela menos prestigiada, selecionando o que lhe interessa e construindo a sua própria cultura, não oportunizando que alunos e alunas contribuam com suas vivências e realidades ao discutir temas relacionados com seus corpos e suas sexualidades. Corroborando com esta ideia Santos (1997, p.103) afirma que o

corpo pressuposto na cultura escolar não é nem aquele do conhecimento biomédico contemporâneo (os saberes de referência), posto que a escola não ensina as Ciências que fizeram sua comprovação em outro local, nem tampouco aquele que circula nos espaços da mídia e nas subculturas; a escola constitui um corpo dotado de uma didática própria – corpo figurativo como a representação de corpo.

Não pretendo com a explanação realizada acima, fazer uma análise dos livros didáticos utilizados na disciplina de Ciências, antes problematizar o discurso proferido por um corpo estático e fragmentado que muitas vezes é apresentado de uma única forma, por meio de gravuras ilustrativas, permitindo que aconteça a “homogeneidade de corpos” a todos e todas que se submetem a este discurso influenciando a uma única e naturalizante identidade sexual.

Hall (2006 p.18) apresenta esta época, mais que qualquer outra, marcada pela diferença cujas sociedades “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições do sujeito” e diferentes identidades. Lembrando que os corpos apresentam marcas da

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

sexualidade, faz parte desta problematização a identidade sexual construída sob o discurso desta apresentação de corpo.

Weeks (2000, p.25) contribui com esta linha de pensamento ao salientar que mesmo que os corpos sejam o local da sexualidade, esta é mais do que simplesmente o corpo. Isto torna inviáveis assertivas de que ao falar, mostrar, discursar os corpos apresentados em forma de gravuras, figuras atlas, aos alunos e alunas nos anos iniciais do ensino fundamental, os professores e as professoras estejam falando de sexualidade.

Sendo assim, mesmo tendo essas maneiras estáticas e fragmentadas didaticamente de representação de corpos, como os alunos e as alunas, podem ter um discurso de corpo integrado ao meio social em que vive e a si mesmo de maneira que isto possa contribuir com a construção de sua sexualidade?

2 Então vamos ao que interessa...

Para Souza (2001) a materialidade humana, ao corporificar os diversos processos sociais de dominação e sujeição exercidos na trama social, configura-se naquilo que nomeamos o corpo. Trazem marcas e identidades, é uma construção histórica e cultural, que ganha sentidos sociais. Para enxergá-los assim, é necessário entender que constantemente são alterados em relação a suas necessidades e desejos.

Para Santos (1997, p. 98) “ao nascermos, não possuímos, ainda um corpo, mas um organismo que vai, pouco a pouco, nas relações que estabelece com o mundo, constituindo-se como um corpo” se constituindo assim como uma construção cultural; emergência de um organismo na cultura. Somos construídos pelo que vivemos, fazemos, vemos. Falar do corpo é falar da identidade marcada no corpo, construídas e percebidas em diferentes tempos, espaços, grupos sociais e étnicos. O modo de se vestir se portar, adornos e aromas nos diferenciam enquanto indivíduos adequando-nos aos grupos aos quais pertencemos. Assim, o corpo é mutável, provisório, suscetível a inúmeras intervenções. Ao longo de nossas vidas estamos constantemente redescobrimo-o.

O corpo humano é um todo dinâmico que interage com o ambiente e com outros corpos, vive influenciado pelo meio social, cultural, político, econômico e afetivo, contribuindo para que cada indivíduo seja único. Para Souza (2008, p. 52) “o indivíduo só pode ser entendido a partir da historicidade das suas relações com outro o que significa dizer que ele não possui um corpo enquanto uma “substância” que seja externa às outras pessoas e ao convívio com elas.

Imersos neste sistema de significação é que produzimos determinadas práticas sociais, aprendemos, por exemplo, que corpo desejar, admirar e cuidar, que corpo pode ser dominado e desprezado, estabelecendo relações de poder implícita ou explicitamente entre esse corpo e a sociedade, construindo assim, a sexualidade.

As “formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade são sempre formas inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos.” (LOURO, 2008, p. 86). Os corpos podem ser lidos, são discursivos, são enunciados, engendrados em práticas sócias e em outras

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

construções que o envolvem e se correlacionam na trama social possibilitando sua transformação e produção.

Para falar de um corpo discursivo preciso pensar a materialidade desse corpo, para além de sua biologização, enxergá-lo como uma produção histórica, percebê-lo profundamente imbricado nas práticas culturais vividas cotidianamente para garantir legitimidade aos sujeitos, normas regulatórias de gênero e de sexualidade precisam ser continuamente reiteradas e refeitas, levando em consideração que estas normas, como quaisquer outras são invenções sociais e podem ser repetidas ou reafirmadas e até mesmo (por que não?) rechaçadas (SOUZA, 2008).

Foucault (1997, p. 21), apresenta que nos três últimos séculos, houve uma explosão discursiva, em torno e a propósito do sexo, que foi colocado em discurso incitando-se a falar dele, contrapondo-se à sua repressão, sem querer dizer com isto que não houve interdição, mas que “a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna” (FOUCAULT 1997, p.17). Para este filósofo este procedimento possibilitou um refinamento do vocabulário permitido, um controle das enunciações, definindo-se quem fala para quem se fala, onde se fala e como se fala.

Estas diferentes maneiras de interditar o sexo, que passaram a atuar e a conviver na sociedade moderna, tiveram e têm como efeitos simultâneos a vigilância, a normatização e a constituição da sexualidade a partir do controle dos corpos dos indivíduos por meio da produção e inscrição da sexualidade e não pela sua negação ou proibição.

Para Foucault (1997, p. 101), “o dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global.”

Nas práticas escolares, o discurso biológico ao que se refere ao corpo e sexualidade tem sido o centro das atenções em relação a outros tipos de discursos, pois é esse o proferido pelos livros didáticos dos anos iniciais do ensino fundamental, assim como atestam pesquisas realizadas por muitos programas de educação sexual, manuais, livros, guias de educação sexual, como também no tema transversal “Orientação Sexual (PCN)” a sexualidade está prioritariamente vinculada ao conhecimento anátomo-fisiológico dos sistemas reprodutores, ao uso dos métodos anticoncepcionais, aos mecanismos de prevenções das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS. Nesses programas e materiais pedagógicos, o tema corpo e sexualidade têm sido abordados como problemas de saúde sexual e reprodutiva, tratadas por meio dos discursos médico e biológico sobre o funcionamento do corpo e das doenças para prescrever um autocuidado, e por meio dele, controlar o corpo e a sexualidade. Esses artefatos veem funcionando como estratégias para o controle dos comportamentos dos alunos e das alunas.

Neste discurso, a sexualidade tem ficado ligada a aquisição de conhecimentos científicos (categorizações e descrições) dos sistemas reprodutores e genitalidade, atributo biológico compartilhado por todos independentes de sua história e cultura, engendram a sexualidade como um atributo de natureza biológica, vinculada às características anatômicas, internas e externas, dos corpos, fixando

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

nessas características a sexualidade e as diferenças atribuídas aos homens e mulheres.

Nesse sentido, Louro (2000), ao se referir às várias perspectivas que têm abordado a sexualidade, comenta a função dominante do determinismo biológico nas discussões e nas explicações sobre a sexualidade. Para a autora, “essa é a compreensão primeira ou primária e, como uma decorrência, também a mais persistente” (LOURO 2000, pp. 64- 65). Nessa abordagem, o fundamento da sexualidade é universal e biologicamente determinado.

Outra abordagem também dominante nas discussões sobre sexualidade é o essencialismo sexual, em que apresenta a sexualidade reduzida a uma essência interior, uma pulsão. Para Weeks (2000, p. 43), “essa abordagem reduz a complexibilidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos”. Assim, o determinismo e o essencialismo fazem da sexualidade um atributo biológico que, ao adquirir o caráter de essência das pessoas, naturalizam as diferenças atribuídas nas culturas aos homens e às mulheres (papéis sexuais, identidades sexuais, posições sociais).

Porém “nada há de exclusivamente natural neste terreno”, (LOURO, 2000), pois até mesmo a concepção de corpo e de natureza, são processos culturais onde definimos o que é, ou não é natural; produzindo e transformando a natureza e a biologia, e conseqüentemente, as tornando-as históricas.

Colocar a sexualidade como parte integrante de informações puramente biológicas que constituem um corpo fragmentado e estático não colabora para responder algumas questões que os alunos e as alunas buscam. Masturbação, primeira relação sexual (quando? Como? Onde?), virgindade, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, preservativos, AIDS, ficar ou namorar e tantos outros questionamentos invadem a mente dos adolescentes. As dúvidas são tantas, que conhecer a anatomia e a fisiologia do aparelho reprodutor masculino e feminino, apesar de parecer importante para os professores e professoras, já não é tão relevante para os alunos e as alunas, pois não respondem as questões acerca de seus sentimentos, desejos e prazer. Não supri as necessidades de conhecimento sobre sexualidade que estes jovens precisam neste momento da vida e que se faz sempre presente, seja no grupo de amigos, na família ou na escola.

Sayão (1997) afirma que há tempos a escola traz informações biológicas sobre a sexualidade, colocando como um dos objetivos das disciplinas de ciências e biologia, apresentarem aos alunos a anatomia e a fisiologia do corpo humano, mas nesta apresentação não estão incluídas as informações práticas para a vida dos jovens, no que tange a sexualidade, pois, estas informações pouco ou nada acrescentam quando os adolescentes se deparam com problemas a serem revolidos neste setor de suas vidas.

Assim para uma prática saudável da sexualidade faz-se necessário ter em mente que as informações puramente biológicas, adquiridas nas salas de aulas,

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

jamais serão utilizadas pelos jovens em sua vida sexual concreta, é importante então, que esses jovens recebam as informações sobre sexualidade em uma linguagem em que não se use apenas palavras. É necessário estabelecer um clima afetivo entre professores e alunos, clima de confiança onde os alunos se sintam seguros e amparados para esclarecer dúvidas de um tema que muito lhes interessa e pouco lhes são esclarecido. Segundo Sayão (1997, p.104)

Uma linguagem que não fale de órgãos e funções do organismo, objeto da ciência, mas de um corpo que tem, quer e faz sexo. Um corpo que se desenvolve, que está submetido às excitações. Um corpo que tem limites, que dá prazer e que sofre. Um corpo que é suporte de desejos. Um corpo adulto em uma cabeça que não é mais criança e que ainda será adulta.

Ações assim possibilitam que os jovens percebam seu corpo como parte de uma construção social, política e histórica imerso em sistemas de significações, produzidos por práticas sociais, que constrói e constitui sentidos que aprende a atribuir ao mundo.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

Referências

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARQUES, Márcia Regina Xavier, RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Representações de corpos masculinos e femininos nos livros didáticos dos anos iniciais do ensino fundamental**. In: Anais do 7 Seminário Fazendo Gênero, 2006 , Porto Alegre.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Incorporando “outras” representações culturais de corpo na sala de aula. IN: OLIVEIRA, Daisy Lara de (Org.). **Ciências na sala de aula**. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 97-112.

SAYÃO, Rosely/ Os problemas da informação sexual e o papel da escola/In Aquino Groppa Julio. / **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas/** São Paulo: Summus, 1997, p 97-105.

SOUZA, Nádia Geisa Costa. **Que corpo é este: o corpo na família, mídia escola, saúde...** 2001. Tese - (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Bioquímica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

SOUZA, Nádia Geisa Costa. Pensando práticas constitutivas do corpo: os filmes infantis e a alimentação. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa et al. (Org.). **Educação e realidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres ,desejos, preconceitos, homofobia...** Rio Grande: FURG, 2008. p. 51-64.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade, en: Louro, G. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. p.35-82.